



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

EDMILSON MENEZES DE ARAÚJO

MEMÓRIAS DOS MANGUEZAIS

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

EDMILSON MENEZES DE ARAÚJO

MEMÓRIAS DOS MANGUEZAIS

Trabalho apresentado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, no curso de Licenciatura em História, como requisito para conclusão do curso, sob a orientação do Prof.º Dr. Eric Brasil.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

A688m

Araújo, Edmilson Menezes de.

Memórias dos manguezais / Edmilson Menezes de Araújo. - 2020.

45 f. : il., mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Eric Brasil Nepomuceno.

1. Manguezais - Bahia - História. 2. Poluição - São Francisco do Conde (BA). 3. São Francisco do Conde (BA) - História. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 981.42058342

EDMILSON MENEZES DE ARAÚJO

MEMÓRIAS DOS MANGUEZAIS

Trabalho apresentado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, no curso de Licenciatura em História, como requisito para conclusão do curso, sob a orientação do Prof.º Dr. Eric Brasil.

Data de aprovação: 05/02/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eric Brasil Nepomuceno (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Docente Examinador(a) 1

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Docente Examinador(a) 2

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Brasi de cima e Brasi de baxo

Meu compadre Zé Fulo,
Meu amigo e companhêro,
Faz quase um ano que eu tou
Neste Rio de Janêro;
Eu saí do Cariri
Maginando que isto aqui
Era uma terra de sorte,
Mas fique sabendo tu
Que a misera aqui no Su
É esta mesma do Norte.

Tudo o que procuro acho.
Eu pude vê neste crima,
Que tem o Brasi de Baxo
E tem o Brasi de Cima.
Brasi de baxo, coitado!
É um pobre abandonado;
O de Cima tem cartaz,
Um do ôtro é bem deferente:
Brasi de Cima é pra frente,
Brasi de Baxo é pra trás.

Aqui no Brasil de Cima,
Não há dô nem indigença,
Reína o mais soavecrima
De riqueza e de opulênça;
Só se fala de progresso,
Riqueza e novo processo
De grandeza e produção.
Porém, no Brasi de Baxo
Sofre a feme e sofre o macho
A mais dura privação.

Brasi de cima festeja
Com orquestra e com banquete,
De uísque dréa e cerveja
Não tem quem conte os rodete.
Brasi de baxo, coitado!
Vê das casa despejado
Home, menino e muié
Sem acha onde mora
Proque não pode pagá
O dinhêro do alugue.

No Brasi de Cima anda
As trombeta em arto som
Ispaiandoas propaganda
De tudo aquilo que é bom.
No Brasi de Baxo a fome
Matrata, fere e consome
Sem ninguém lhe defendê;
O desgraçado operaro
Ganha um pequeno salaro
Que não dá pra vive.

Inquanto o Brasi de cima
Fala de transformação,
Industra, matéria-prima,
Descoberta e invenção,
No Brasi de Baxo insiste
O drama penoso e triste
Da negra necessidade;
É uma cousa sem jeito
E o povo não tem direito
Nem de dize a verdade.

No Brasi de Baxo eu vejo
Nas ponta da spobre rua
O descontente cortejo
De criança quage nua.
Vai um grupo de garoto
Faminto, doente e roto
Mode caçá o que come
Onde os carro põem o lixo,
Como se eles fosse bicho
Sem direito de vive.

Estas pequena pessoa,
Estes fio do abandono,
Que veve vagando à toa
Como objeto sem dono,
De manêra que horroriza,
Deitado pela marquiza,
Dromindo aqui e açula
No mais penoso relaxo,
É deste Brasi de Baxo
A crasse dos margina.

Meu Brasi de Baxo, amigo,
Pra onde é que você vai?
Nesta vida do mendigo
Que não tem mãe nem tem pai?
Não se afrija, nem se afobe,
O que com o tempo sobe,
O tempo mesmo derruba;
Tarvez ainda aconteça
Que o Brasi de Cima desça
E o Brasi de Baxo suba.

Sofre o povo privação
Mas não pode recramá,
Ispondosuas razão
Nas colunas do jorná.
Mas, tudo na vida passa,
Antes que a grande desgraça
Deste povo que padece
Se istenda, cresça e redobre,
O Brasi de Baxo sobe
E o Brasi de Cima desce.

Brasi de Baxo subindo,
Vai havê transformação
Para os que vevesintindo
Abandono e sujeição.
Se acaba a dura sentença
E a liberdade de imprensa
Vai sê lega e comum,
Em vez deste grande apuro,
Todos vão te no futuro
Um Brasi de cada um.

Brasi de paz e prazê,
De riqueza todo cheio,
Mas, que o dono do podê
Respeite o dereitoaleio.
Um grande e rico país
Munto ditoso e feliz,
Um Brasi dos brasilêro,
Um Brasi de cada quá,
Um Brasinacioná
Sem monopóloestrangêro.
(Patativa do Assaré)

In memorian Marquinhos.

Ele nos ensinou tanto com sua presença e afeto, em suas práticas cotidianas e no seu trabalho de esculpir arte em madeira e pedra. Foi habitar em outro habitat.

AGRADECIMENTOS

Ao criador que me permitiu existir, a minha mãe Naulila Menezes de Araújo maior incentivadora, meu pai *in memoriam* Clóvis Franca de Araújo, todos da família, minha ancestralidade, todos que pude abraçar e aprender novos saberes, todos que trabalham na Unilab, dos mais graduados aos menos letrados, sincera gratidão pelos momentos vividos nesses cinco anos de aprendizados.

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”.

Paulo Freire

RESUMO

Memórias dos manguezais é um pouco dos acontecimentos do passado e do presente que continuam recorrentes até os dias atuais, trata de uma pesquisa que representa uma parcela da realidade do município de São Francisco do Conde/BA (SFC), isto é, trata-se da contaminação ambiental (passivo ambiental). O estudo está fundamentado em referências de textos acadêmicos, artigos, dissertações, leituras pessoais, entrevista com pescadores e marisqueiras do município. É um apelo a contemporaneidade para minimizar os danos causados pela poluição nos manguezais em SFC, fortalecendo a preservação e garantindo a vida desse ecossistema, assegurando um ambiente de trabalho saudável para pescadores, marisqueiras e a comunidade como um todo, levando em conta as ações de cada um(a), como teia na rede global da sustentabilidade, que começa no local para a conservação dos nossos patrimônios.

Palavras-chave: Manguezais - Bahia - História. Poluição - São Francisco do Conde (BA). São Francisco do Conde (BA) - História.

RESUMEN

Memorias de los manglares es un poco de eventos del pasado y del presente que siguen siendo recurrentes hasta nuestros días, se trata de una investigación que representa una parte de la realidad del municipio de São Francisco do Conde / BA (SFC), es decir, se trata de contaminación ambiental (responsabilidad ambiental). El estudio se basa en referencias de textos académicos, artículos, disertaciones, lecturas personales, entrevistas con pescadores y recolectores de mariscos en el municipio. Es un llamado a la contemporaneidad para minimizar el daño causado por la contaminación en los manglares en SFC, fortaleciendo la preservación y garantizando la vida de este ecosistema, asegurando un ambiente de trabajo saludable para los pescadores, los recolectores de mariscos y la comunidad en general, teniendo en cuenta las acciones de cada uno, como una web en la red global de sostenibilidad, que comienza en el sitio para la conservación de nuestro patrimonio.

Palabras-clave: Contaminación - São Francisco do Conde (BA). Manglares - Bahía - Historia. São Francisco do Conde (BA) - Historia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A PESCA ARTESANAL: MEMÓRIA E IDENTIDADE NO MANGUE	15
3	MEMÓRIAS DOS MANGUEZAIS PELA DEFESA DO PATRIMÔNIO AMBIENTAL	24
4	POSSIBILIDADES FUTURAS? O COOPERATIVISMO E A FITORREMEDIAÇÃO	34
4.1	COOPERATIVISMO	34
4.2	FITORREMEDIAÇÃO	35
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	41
	ANEXOS	43

1 INTRODUÇÃO

São Francisco do Sítio ou Sítio de São Francisco, foi a primeira denominação deste município que hoje compreende São Francisco do Conde (SFC), quando em 1552, com a ocupação (invasão) portuguesa, fundam a terceira vila da Bahia. Em terras habitadas por diversos povos nativos, de língua, costume e culturas diversas, esses povos há alguns milhares de anos já utilizavam os recursos oferecidos pela natureza para suprir suas necessidades básicas, trabalhavam com a manipulação do barro (argila), para construção de tachos, gamelas, urnas funerárias, etc. Na Kirimurê já transitavam em embarcações os povos nativos coletores, agricultores e pescadores.

Entre os matos na beira do mangue, uma área do Eldorado chamada de Conde, escondia as ruínas de um dos primeiros engenhos de cana-de-açúcar, instalados em volta a Kirimurê (em tupi, “o mar grande interior”, batizado pelos colonizadores como a Bahia de Todos os Santos), no processo da invasão portuguesa. (JAEGERMANN, 2016, p. 57)

De acordo com Costa (2010), os indígenas da etnia aratu, que habitavam o recôncavo e o litoral, trabalhavam na construção de cerâmicas em sítios de até 300 metros de diâmetro, próximo aos manguezais e fontes de água.

Os impactos ambientais nessa região começaram no século XVI com a criação de Salvador, a extração do pau-brasil e a monocultura da cana-de-açúcar, destruindo a vegetação original da Mata Atlântica, bioma riquíssimo em biodiversidade e ameaçado de extinção, restando tão somente 2% da cobertura original na Bahia (BABAU, 2019).

No século XX, os manguezais de São Francisco do Conde passam a ser violentamente degradados por outros fatores, com as instalações da refinaria de petróleo Landulpho Alves em 1950, Companhia Brasileira de Chumbo (COBRAC) em 1960 e no final dessa década implantou-se o Centro Industrial de Aratu (CIA) e o Porto de Aratu em 1975, e no final dos anos 1970 o Complexo Petroquímico de Camaçari. Esses empreendimentos são responsáveis pelo impacto ambiental causado nos manguezais de São Francisco do Conde e Baía de Todos os Santos (BTS).

Muitas vezes os manguezais são reconhecidos como lugar de descarte, sendo utilizados como depósito de lixo e entulhos. O mangue é visto por uma parcela da população como lugar sujo e fedorento, recebendo adjetivos pejorativos, associando-o negativamente esse espaço a lugares bagunçados e popularmente se diz “tá mangueado”, esse lugar é um “mangue”, etc. Na

realidade essa concepção é um grande equívoco, pois os manguezais funcionam como berçário e zona de desova e crescimento de muitas espécies.

Atualmente é verificada a escassez de algumas espécies e o desaparecimento de outras, a exemplo: rala coco, redondo, sarnambi, mijão, entre outros mariscos. A poluição é um problema crônico e crescente, acompanha o crescimento populacional e de consumo, por isso mesmo é uma questão social importante para todos os grupos sociais da região.

Para além de sua importância ambiental, os manguezais de São Francisco do Conde abrigam memórias coletivas e patrimônio imaterial fundamentais para a história e a constituição da sociedade franciscana e mesmo de todo Recôncavo.

A nossa proposta, portanto, consiste em investigar e analisar as memórias ancestrais dos pescadores(as) artesanais e marisqueiros(as) de São Francisco do Conde/BA, objetivando a preservação dos saberes ancestrais e dos ecossistemas. Para tanto, a coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas participativas na comunidade, e diálogos informais em campo. De acordo com Matos e Senn (2011) os testemunhos orais são substanciais na compreensão das sociedades atuais, permitindo ao historiador alargar seu campo de pesquisa, haja vista que conta com testemunhas vivas, repletas de experiências passadas, reminiscências essas que, segundo Portelli (1997), são sempre compartilhadas, pois os atos de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais, ainda que estejam sempre moldados pelo meio social, o que caracteriza a memória como um processo individual (que ocorre em um meio social dinâmico), a qual é repleta de instrumentos socialmente compartilhados, que somente torna-se concreta quando verbalizada por um sujeito. Além de entrevistas, foram realizadas leituras de textos acadêmicos, artigos, monografias, teses e dissertações.

O município possui uma colônia de pescadores, a Z-05, que congrega 3.800 (três mil oitocentos) associados, fundada na década de 1970.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro aborda aspectos da pesca artesanal e da memória dos manguezais.

2 A PESCA ARTESANAL: MEMÓRIA E IDENTIDADE NO MANGUE

Há algum tempo eu escrevia num fragmento poético que a lembrança é o que de melhor nos resta, porque nela guardamos tudo, até mesmo o que não queremos, as boas e más lembranças, os aprendizados, assim como o esquecimento. É a partir da memorização, que executamos todas as nossas atividades do dia a dia.

A memória fornece referentes de significação constituídos por visões partilhadas do passado que são geradas pelo presente e orientadas para o futuro (PERALTA, 2007, p. 16) As memórias são o produto da mente individual em relação com o mundo exterior. São os mundos interpessoais e culturais em que os indivíduos vivem que constituem as suas memórias. Nessa medida, a memória coletiva pode ser vista como um quadro de referência partilhado de recordações individuais. A memória é, assim, constituída pela integração de diferentes passados num passado comum aos membros de uma coletividade (PERALTA, 2007, p.18).

O primeiro a realizar estudos sobre a memória foi Hermann Ebbinghaus, em 1885, quando publicou trabalho que aplicava métodos experimentais no estudo da memória. Podemos recuperar as lembranças através de uma simples imagem, como ocorreu recentemente quando presenteei uma amiga com uma planta (Lírio) que produz uma linda flor branca, de imediato uma pessoa que presenciou esse momento fez uma descrição da planta e completou dizendo: “esse momento me remeteu à infância onde eu brincava tinham muitos lírios”.

A memória pode ser afetiva, quando lembramos com saudade e carinho de um objeto, lugar ou uma pessoa. Ao ouvirmos uma música conhecida, rapidamente nos transportamos ao passado, que foi marcado por essa canção. Quando sentimos o cheiro da terra molhada, o olfato se encarrega de remeter a lembranças das chuvas, do campo, etc.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1979, p. 47).

Desde a minha chegada em São Francisco do Conde, 25 de fevereiro de 2015, tem sido grande a gama de informações que pude absorver, na comunidade e na academia, conhecimento empírico e científico andando lado a lado. No trabalho de Conclusão de Curso “Justiça Ambiental: Usos do vetiver e da moringa para descontaminação de Santo Amaro da

Purificação”, trabalhei com essa temática, propondo a descontaminação de áreas degradadas nos manguezais e estuários.

Pode-se dizer que este trabalho contribui para o resgate de uma memória recente, retornado ao presente e direcionando ao futuro, uma vez que não foram executadas as propostas apresentadas até então (Araújo, 2017). Conforme Souza (2013, p. 3) “a memória de uma pessoa, por mais individual que seja, perpassa diferentes lugares e memórias que são construídas a partir de vivências semelhantes e ou partilhadas, porém com perspectivas diferenciadas”.

Ao nascermos, começa então o armazenamento de informações, são esses primeiros conhecimentos de saberes mais simples que vão nos preparando para viver, a exemplo de aprender a pedir água, comida, etc. É na coletividade familiar e na integração social que se constrói saberes diversos, para serem utilizados na trajetória de vida. Aos poucos e ao longo do tempo buscamos o aprimoramento da memória coletiva, a fim de consolidar novos paradigmas consoantes a nossa realidade, desconstruindo ideias errôneas e implementando novas, de acordo as nossas necessidades e expectativas.

A narrativa é compreendida com referência ao tempo presente; ao mesmo tempo, em que são também narrativas sobre o passado – construídas a partir de memórias decorrentes de lembranças, de reminiscências do passado, muitas delas vividas e outras contadas por parentes e familiares, como memórias. Narrar é contar uma história.

Toda história pressupõe a configuração de enredos, tramas, diferenças, distinções, reconhecimentos e pertencimentos das pessoas e grupos sociais entre si e entre outros, conduzidas no tempo – não um tempo linear – e no espaço. Quem narra, narra de um ponto de vista, de uma perspectiva, de um lugar, num tempo e sobre um tempo. Num fluxo do tempo passado que se mostra no presente e que pode e, de certa forma o faz –, projetar o futuro. Em outros termos, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares e em todas as sociedades. (SOUZA, 2013, p.4)

Há milhares de anos habitavam nesta faixa litorânea, onde hoje é o município de São Francisco do Conde, povos indígenas, os protagonistas da pesca artesanal, além de caçadores, coletores e agricultores. Esses povos já haviam domesticados milhares de plantas, para alimentação e cura de doenças.

Os índios realizavam a pesca com linha feita de cipó e anzol construído com ossos de animais que eram lascados e afiados. O arco e flecha também eram instrumentos bastante usados na pesca e na caça. Os índios perseguiram os cardumes nas lagoas e na beira do mar flechando os peixes quando estes estavam próximos à margem. A canoa era utilizada para o transporte e a pescaria. (COTRIM, 2004).

As contribuições deixadas por esses povos são utilizadas na nossa contemporaneidade, essas tecnologias ancestrais que resistem, persistem pelos seus valores (apesar de negados pela cultura branca) e hoje são ressignificados, adaptados e saboreados por muitos, senão pela grande maioria da população, a exemplo da farinha de mandioca, do beiju e cuscuz. “A pesca artesanal é um conjunto de práticas culturais, e habilidades, de saberes e de modos de fazer, transmitidos oralmente nas comunidades de pescadores para assegurar a reprodução do seu modo de vida” (DIEGUES, 2004).

A pesca artesanal é realizada em pequenas embarcações, canoas e traquetes, utiliza-se de redes e anzóis, entre outros apetrechos. A mariscagem é uma atividade que se desenvolve em terra firme, sendo a catação dos mariscos no subsolo (lamaçal), sendo ambos praticados nos manguezais de São Francisco do Conde, essas atividades são heranças ancestrais, herdadas pelas gerações que se sucedem até os dias atuais. Geralmente esses segmentos trabalham em grupos de familiares ou amigos, com utilização de técnicas tradicionais e inovadoras, a exemplo de ratoeiras utilizadas para capturar guaiamuns, essas armadilhas são armadas com iscas para atrair os crustáceos. Outras técnicas são utilizadas, além das redes, anzóis, jererés, covos e muzuá.

Figura 1 - Alemão, pescador artesanal da Baixa-fria, confeccionando a ratoeira



Fonte: Arquivo Pessoal.

No quadro abaixo apresento algumas informações básicas dos(as) entrevistados(as) da pesquisa. Nome e/ou apelido, sexo, idade, endereço e profissão, a fim de facilitar o entendimento do leitor.

Quadro 1 - Dados gerais dos colaboradores entrevistados

Nome	Gênero/s exo	Idade	Local de moradia	Profissão/ocupação
Alemão	homem	48	Baixa Fria	Pescador artesanal, marisqueiro e agricultor
Josemar	homem	-	-	Pescador artesanal
Berenice Borges dos Santos (mãe Bil)	mulher	-	Baixa Fria	Yalorixá, Marisqueira
Antônio Barreto do Santos,	homem	-	Praça Santa Cruz	Pescador artesanal
Maria Luiza de Almeida,	mulher	58	Baixa-Fria	Marisqueira.
Luiz Carlos de Almeida Santos	homem	35	Baixa-Fria	-
José Adenilton dos Prazeres Santa	homem	48	Baixa Fria	Marisqueiro
Luis Rosário Ribeiro	homem	-	São Bento das Lajes	Marisqueiro

Fonte: Elaboração do autor.

Alemão, 48, natural de São Francisco do Conde, morador da Baixa Fria, pescador artesanal, marisqueiro e agricultor:

Minhas lembranças do manguezal são boas, quando eu era criança comecei aprendendo a pescar e a mariscar, esse mangue aqui era ótimo para todos da Baixa Fria, depois que veio o lixo e o esgoto (Bahia Azul¹ - Embasa), desce merda desce tudo, mesmo assim, ainda dá para pegar alguma coisa, ostra, caranguejo, guaiamum, sururu, siri, graças a Deus o mangue resiste. Mas, a poluição tá demais dentro do mangue, a poluição tá demais, qualquer um pode ir e verificar, tem garrafa pet, plástico, tudo isso tomando conta do mangue, isso é um absurdo, uma coisa feia, a Secretaria do Meio Ambiente deve olhar essa situação e tomar uma providência antes que termine de acabar o que ainda resta, antigamente tinha fartura de tudo hoje você já não vê mais mapé, mijão, lambreta, rala coco, tudo por conta da poluição. Também teve uma praga de lagarta e gafanhoto que acabou boa parte do manguezal, e eles não tiveram ne a capacidade de vir replantar o mangue, pode ver que tá acabando, senão tomar uma atitude de replantar e fortalecer o manguezal vai acabar isso aqui e muita gente vai sofrer porque sobrevivem do manguezal.

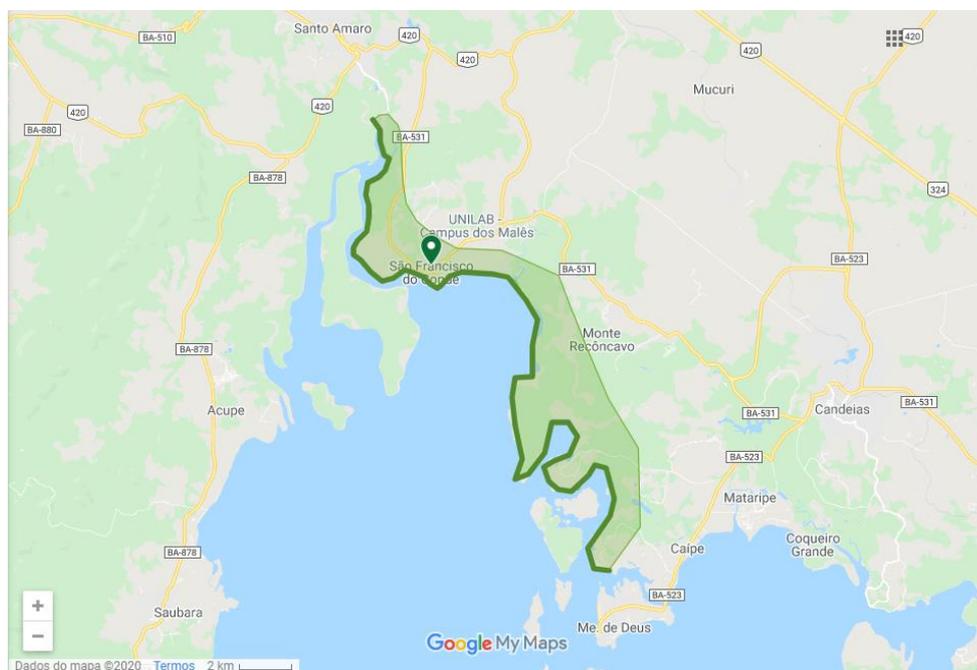
¹ A Bahia Azul é o programa de saneamento ambiental do governo da Bahia, que tem como objetivo melhorar a qualidade de vida de 2,5 milhões de pessoas que vivem na cidade de Salvador e nas cidades que ficam em torno da Baía de Todos os Santos.

A narrativa desse pescador é marcada pelas lembranças de sua infância em tempos de abundância na oferta de pescados e mariscos. Hoje, devido a degradação ambiental causada pela poluição, demonstra indignação com o poder público e reivindica medidas eficazes para mitigar a real e triste situação que se encontram os manguezais.

Na Figura 1, vemos o pescador artesanal da Baixa Fria, conhecido com Alemão, construindo a ratoeira, técnica de conhecimento herdado de seu pai, que é utilizada na captura de guaiamum, crustáceo que pode ser encontrado esporadicamente até mesmo dentro das casas. Devido ao processo de urbanização, foram aterradas grandes áreas de manguezais, ocupando o lugar original de parte dessa fauna e flora.

Os manguezais são celeiros, com grandes variedades de alimentação a céu aberto, com dimensões imensuráveis. O deslocamento para realizações das atividades pesqueiras nos manguezais e zonas estuarinas, é realizado geralmente por Canoas ou traquetes (pequenas embarcações). Diante das numerosas e complexas especificidades, a pesca artesanal brasileira contribui de forma significativa na economia nacional.

Figura 2 - Mapa de São Francisco do Conde - BA, com destaque para a área de manguezal



Fonte: Google Maps (2020).

Segundo dados oficiais, cerca de 60% da pesca no país tem caráter artesanal, produzindo mais de 500 mil toneladas de pescado por ano e garantindo renda para mais de 600 mil pescadores (MPA, 2010). Levando em consideração fatores sociais, políticos, institucionais, econômicos e ambientais intrínsecos a cada local. Seus usuários utilizam diversos meios de

produção (petrechos, embarcações e estratégias), para captura de diversos recursos, geralmente pouco abundante, em um meio em constante mudança (SILVA, 2014).

A pesca artesanal e a mariscagem, durante muito tempo, vêm contribuindo de forma decisiva e relevante, na garantia da sobrevivência familiar, na obtenção de salários e fortalecimento da economia local e regional.

Desta maneira, o pescador “artesanal” passa a se reproduzir e reproduzir suas condições de existência na pesca, voltada fundamentalmente para o comércio. O mercado é o objetivo de sua atividade, ainda que o “balaio” ou cesto de peixe para o autoconsumo separado antes da partilha constitua uma das bases de sua sobrevivência e de sua família (DIEGUES, 2004, p.137).

A ausência do poder público colabora para a desestruturação e enfraquecimento desse setor importante, que pode alavancar o comércio pesqueiro, necessário se faz criar projetos (fazendas marinhas) e políticas (linha de crédito) para incrementar a pesca artesanal no município.” O conceito de participação, além de ser um processo social e dinâmico, pressupõe o uso de abordagens participativas em que o principal objetivo é transformar os trabalhadores, no caso os pescadores, em protagonistas do seu próprio desenvolvimento” (SILVA, 2014 p. 23).

As marisqueiras (os) e os pescadores (as) artesanais de São Francisco do Conde e na baía de todos os santos, enfrentam problemas de contaminação dos pescados e mariscos, das águas e dos solos (esgotos industriais e domésticos, água de lastro, metais pesados, óleo, petróleo, agrotóxicos e pesticidas, plásticos), entre outros poluentes que não fazem parte desses ambientes, há algum tempo vem gerando danos incalculáveis ao ecossistema e biodiversidade (variedades de espécies).

Em 2008, o CRA² efetuou um levantamento das atividades antrópicas com potencial de contaminação para a BTS. O referido estudo verificou que as aproximadamente 58 indústrias localizadas no nordeste, noroeste e norte da BTS desenvolvem atividades químicas, petroquímicas, metalúrgica, siderúrgicas, de produtos alimentícios e fertilizantes, que geram diversos produtos compostos eminentemente por metais como Ferro, Mercúrio, Zinco, Cobre e Manganês, além se ácidos minerais, sulfetos e sulfatos metálicos, óleos vegetais, petróleo e seus derivados, soda, naftaleno, benzeno, fenol, polipropileno, cloro, hexano, óxidos, celulose, sisal, brita, amônia e muitos outros. (CARVALHO et al, 2014, p.7)

² Centro de Recursos Ambientais.

É verificada a escassez de algumas espécies, os danos provocados nos manguezais são incalculáveis e de difícil reparação com bastante complexidade para revitalização das áreas afetadas.

Josemar Barreto dos Santos, 57, natural de São Francisco do Conde, morador da Praça Santa Cruz, pescador artesanal traz um relato que retrata a realidade dos manguezais na atualidade.

A malha da rede diminuiu, o pescado tá um pouco precário, antigamente a gente pescava com a rede de malha 20, hoje é 18, 13, 12, devido a malha ser tão pequena então o camarão, o peixe não se cria, não vinga, não se desenvolve, porque o peixe se alimenta do limo do pé do mangue, muita gente trabalha e sobrevive do mangue se acabar com esse lugar Ave Maria, se hoje vier duas caçambas tem um lugar que tira duas caçambas e ainda não dá conta, só de garrafa pet dá mais de duas toneladas, é mais de meia tarefa de mangue, devido a poluição, muito saco plástico, garrafa pet, tudo acabando com a criação do mangue, tá difícil, cada vez mais difícil. É para as pessoas valorizar o mangue e o pescador, a gente só é lembrado na semana santa e no ano político, eles procuram os pescadores para dar um incentivo para gente votar nele, mas a gente não tá satisfeito com esse negócio não, estamos bem acordados pra eles. Vamos olhar mais para os pescadores e marisqueiras, vamos olhar mais para os manguezais, fazer uma comitiva pra olhar o problema do mangue que está sendo maltratado e destruído”. (Entrevista realizada no dia 22 de outubro de 2019)

Segundo o entrevistado Josemar, pescador artesanal, a diminuição na oferta de peixe e camarão é em razão da redução na malha da rede, antigamente era utilizada malha 20 e hoje em dia se usa até 12. Essa redução impede que os peixes e camarões pequenos se desenvolvam. Além da poluição demasiada nos manguezais.

O quadro é preocupante e irreversível, por considerar o crescimento populacional e de consumo, ações contínuas, contribuintes para degradação ambiental continuada, invisibilizada pelos gestores, mas, defendida por ambientalistas e uma parcela da sociedade, quando na verdade, é dever de todos cuidar melhor dos nossos manguezais.

É bastante comum saírem os grupos rumo ao mangue para capturar camarão com as próprias mãos, presenciei in loco esse processo. Essa região é considerada como grande produtora de crustáceo, nessa perspectiva verifica-se o antagonismo social, aqui a população pobre se alimenta dessa iguaria, mas nos grandes centros são poucos os que têm acesso a ela, pelo fato de ser uma mercadoria bastante valorizada no mercado.

Os manguezais agregam diversos patrimônios: patrimônio natural (o mangue), patrimônio cultural (os cortejos, as festas realizadas nesse espaço), patrimônio vivo (são pessoas que possuem os saberes ancestrais). Os patrimônios imateriais estão relacionados aos saberes, às crenças, habilidades manifestações musicais, cênicas e religiosas. São bens imateriais enraizados que são passados de geração em geração, as vivências coletivas, os festejos

comemorativos, os rituais, festas de Iemanjá, marujada, os patrimônios imateriais tem valor de representação, mas não tem preço. O samba de roda, o samba chula, a capoeira, e os festejos/comemorações de domínio popular.

As atividades desempenhadas nos manguezais por marisqueiras (os), pescadores (as) artesanais, que utilizam os recursos de pescados ou coletados para garantir o sustento da família e obter uma renda mensal. Ao longo dos séculos até os dias atuais, são ações que criam costumes e manifestações de caráter religioso, cultural, social, econômico, político, territorial e patrimonial. Essas relações estabelecem vínculos de pertencimento do lugar, de identidade peculiar, forjada na lama e na maresia.

Sobre o território, Milton Santos (1999) entende como:

O território é onde vivem, trabalham, sofrem e sonham todos os brasileiros. Ele é, também, o repositório final de todas as ações e de todas as reações, o lugar geográfico comum dos poucos que sempre lucram e dos muitos perdedores renitentes, para quem o dinheiro globalizado – aqui denominado real- já não é um sonho, mas um pesadelo. (SANTOS, 1999 p.5)

Dialogando com essa citação, é importante mencionar o sofrimento e as dificuldades enfrentadas pelos agentes da pesca artesanal mariscagem, que trabalham de acordo ao regime das marés e quadra da lua, para assegurar a produção nas pescarias e mariscagem nos manguezais e do seu quadro patrimonial, refiro-me aqui as paisagens, linguagem, crenças, capital natural, eco-cultural e territorial. Este por sua vez reforça a presença e importância do mangue no calendário festivo, a título de exemplo, como nos mostra Santos (1998), ao afirmar que:

O Município de São Francisco do Conde passou a constituir-se de um grande celeiro do ponto de vista cultural, culminando em uma enorme diversificação de crenças e devoções, às quais propagaram-se pelas longínquas vindas de povoados que compõem a cidade, na oportunidade podemos destacar algumas das principais festividades do município. (...) Em nosso município, particularmente na sede, é comemorada a chegada do ano novo com a tradicional entrega do presente de Yemanjá. (pág. 63).

A partir deste capítulo e das narrativas dos pescadores e marisqueiras, verificou-se que os danos causados pela poluição vêm modificando esse ambiente(manguezal), e conseqüentemente os modos de vida dos agentes da pesca e da coleta artesanal. Com as instalações de novas indústrias em torno da baía de todos os santos a degradação cresce assustadoramente, agravando o quadro do ambiente natural de trabalho dessas pessoas que estão imersas numa identidade social. É essa identidade que pode reivindicar uma série de direitos

assegurados em Leis. Vale ressaltar que os manguezais são considerados Áreas de Preservação Permanente (APP).

3 MEMÓRIAS DOS MANGUEZAIS PELA DEFESA DO PATRIMÔNIO AMBIENTAL

Os primeiros habitantes que se deu notícia, eram coletores, agricultores e excelentes pescadores, esses povos lutavam entre si pela ocupação territorial, para garantir a sobrevivência de sua gente. Dessa forma, o lugar onde houvesse fartura de água, caça e pesca, era motivo de conflitos.

Terra habitada por tupinambás, Caetés Negros e Potiguaras, que cederam lugar aos colonizadores que aqui erguem os engenhos iniciando o poderoso ciclo da cana-de-açúcar no Recôncavo baiano, aliado à força da sua religiosidade. Solo Massapê, célula mãe de cana-de-açúcar, o clima tropical quente úmido e vegetação caracterizada por possuir uma zona homogênea litorânea com mangues e constituída por uma frondosa e extensa, apresentado como zona ecológica uma transição de floresta úmida. Por todas essas características citadas acima, constitui-se São Francisco do Conde em um universo de riquezas materiais como petróleo, cacau, cana-de-açúcar, banana, mandioca, calcário marinho além de muitas espécies de peixes e crustáceos, afirmando o município nas economias baianas e brasileiras. (SANTO, 1998 p.29)

Os manguezais³ são ecossistemas de transição entre os espaços das águas marinhas, águas doces e a terra. Esses biomas cumprem um papel de extrema importância e múltiplos contextos. É rico em biodiversidade (Variedades de espécies), funciona com berçário, zona de desova e desenvolvimento de muitas espécies. Algumas estão de passagem, enquanto outras vão usufruindo como habitats. O mangue é um ecossistema costeiro de transição entre os ambientes terrestres e marinhos, características das regiões tropicais e subtropicais, sujeito ao regime das marés (SCAFFER NOVELLI, 1995).

Cada mangue tem suas características peculiares, que são bem definidas conforme suas vegetações, o município com cinco tipos de mangues, são eles:

Mangue Vermelho,

mangue-sapateiro apresenta casca geralmente lisa e clara que, quando raspada, mostra uma cor avermelhada. Sua principal característica são as rizóforos (raízes-escora) que formam arcos característicos, capazes de sustentar a árvore e as raízes adventícias que partem dos troncos e dos galhos, atingindo e penetrando o substrato. Os propágulos do mangue-vermelho eram considerados afrodisíacos pelos antigos persas. Os taninos das cascas e das raízes de mangue foram amplamente utilizados para curtir e tingir de vermelho produtos de couro. O mangue-vermelho tem, ainda, propriedades antimicrobianas (BRASILIA, 2018).

Mangue Preto,

Seriba, apresenta tronco geralmente de cor castanho-clara e que, quando raspado, mostra cor amarelada. Seu sistema de raízes difere do mangue-vermelho, pois

³ Dada a sua grande importância, é comemorado em 26 de julho o dia mundial de proteção aos manguezais.

apresenta um sistema de raízes radiais que crescem horizontalmente abaixo do substrato, formando uma verdadeira base de sustentação para a árvore. Dessas raízes radiais surgem os pneumatóforos; raízes modificadas que crescem verticalmente, saindo do sedimento e expondo-se ao ar. Tal adaptação está relacionada às trocas gasosas necessárias à sobrevivência da árvore em um sedimento pouco oxigenado. Os primeiros colonizadores espanhóis utilizavam o sal excretado pelas folhas do mangue-preto para dar sabor a sopas e ensopados; mais recentemente, a casca dessas árvores é utilizada em uma infusão, cujo chá é usado para tratar úlceras, hemorróidas e tumores. A córtex (casca) do mangue-preto contém repelentes naturais contra mosquitos, que, no entanto, podem irritar a pele pelo uso prolongado (BRASILIA, 2018).

Mangue Branco,

Tinteira, a principal característica dessa espécie é a presença de glândulas não funcionais na base superior do pecíolo vermelho. No passado, essa glândula teve função nectárica, secretora de substâncias melíferas. Durante muito tempo se pensou que tais glândulas eliminassem sal. O sistema radicular do mangue-branco, do tipo radial, é semelhante ao da siriúba, porém com pneumatóforos menos desenvolvidos e em menor número. O extrato da casca tem propriedades terapêuticas contra tumores e os taninos ainda hoje são empregados no curtimento de couros, embora em pouquíssimos locais (BRASILIA, 2018).

Mangue de Botão,

Trata-se de um arbusto grande, que pode crescer de 4 a 20 m, e cujo troco pode ter 20 cm de diâmetro. Interessante notar que existem dois tipos de plantas desse tipo: uma com folhas verdes e outra com folhas prateadas. Além da extração da madeira para fins comerciais, essa planta também é usada para fins ornamentais, e para recuperação de terras. Tanto as suas flores, quanto os seus frutos se apresentam em aglomerados bem densos (BRASILIA, 2018).

A Bacia hidrográfica de São Francisco do Conde é composta pelo Rio Joanes, Caípe, Mapoi, Sergi e Riacho São Paulo. Os manguezais são macrodimensões que aglutinam sentidos diversos e difusos, que dialogam entre si e com outros atores e espaços da nossa sociedade. Seja no aspecto social, memorial, econômico, político, cultural e religioso.

Berenice Borges dos Santos, mãe Bil, moradora da Baixa Fria, yalorixá, marisqueira desde a infância, narra sua experiência:

O manguezal representa a vida, o mangue é que mata a fome do ser humano, porque sem o mangue a gente não vive, e hoje o manguezal está morrendo por causa dos esgotos, a gente pede socorro para salvar o manguezal, antigamente a gente pegava cinco, seis quilos de peixe por dia e os balaios de ostras, e hoje não pega nem um camarão por causa da poluição dos esgotos que é demais. O que precisamos agora é salvar o manguezal para que a gente possa resolver o problema do nosso mangue e possa garantir o alimento para os nossos filhos, sou mãe de dez filhos e criei todos dentro do mangue. Nós continuamos sobrevivendo do mangue, nas águas de Odojá, que é Iemanjá, é nas águas do mar, do sal e do salitre que a gente se queima pra ir buscar nossos alimentos, sou marisqueira desde quando tinha sete anos de idade, tenho

minha casa de candomblé dentro do mangue, minha raiz, minha lama. Eu só peço a vocês o seguinte, vamos salvar o mangue, vamos salvar a natureza, tenho certeza que podemos fazer isso. Deus está fazendo a parte dele, só resta a gente fazer a nossa. Vamos salvar o nosso mangue. (15/10/2019)

A Ialorixá se orgulha de ter seu terreiro de candomblé no manguezal em que tira também seu sustento e criou os seus 10 (dez) filhos. Demonstra preocupação com a poluição dos manguezais e pede providências para que todos cuidem e preservem o ecossistema fonte de sua subsistência, resistência e fé.

Ao longo dos séculos os manguezais sustentaram nossa ancestralidade e continua contribuindo de forma decisiva, para geração de renda e sobrevivência das comunidades menos favorecidas, que recorrem a esses expedientes para viverem de forma digna.

Um ponto relevante e recorrente é que o manguezal, faz parte das lembranças dos homens, haja vista que eles não esquecem a paisagem em que circularam, aguçam os caracteres da mesma, algumas vezes denunciam as modificações infligidas.

Duas perguntas foram feitas: Quais as suas lembranças do manguezal? E o que representa para você?

Antônio Barreto do Santos, natural de São Francisco do Conde, morador da Praça Santa Cruz, pescador artesanal:

A pesca é essencial aqui em São Francisco do Conde temos siri, embira, camarão temos bastante, o camarão que sai daqui da nossa região é muito, inclusive, na pesca do camarão, acredito que estão parando na data errada (o defeso), a gente que pesca de rede de fundo, vê a criação do camarão, o período certo do defeso é maio e eles param em setembro. O camarão desova aqui nas enseadas, peguei na minha infância muito caranguejo andando no mês de fevereiro, hoje não tem mais, e a gente só pegava os macho, as fêmea não pegava por conta das ovas, pra poder reproduzir mais. Hoje tem muito lixo, eu levo você agora em frente à Cajaíba e você vai ver uma área aberta, cheia garrafa pet, você precisa vê que absurdo isso aí em frente à Cajaíba. Para acabar com isso é só o pessoal da Secretaria do Meio Ambiente vir com as embarcações e a gente tira sacos e mais sacos de lixo. Nós temos que cuidar porque amanhã o que meus netos vão dizer, cadê São Francisco do Conde, não é uma terra de marisco, camarão caranguejo, siri? Tudo aqui era em abundância, e o que você vai dizer para a geração do futuro, que não tem mais? Você ia no mangue e tirava qualquer coisa, hoje diminuiu mais, acabou o robalo, o sarnambi, rala coco, por quê? Porque eles comia nas bases, no limo do manguezal.

O entrevistado relata que o defeso (período de reprodução, quando a pesca é proibida) acontece na data errada, eles param em setembro, quando deveria parar no mês de maio, reclama da poluição de uma forma geral, diminuição de peixes e mariscos e extinção de outras espécies.

Maria Luiza de Almeida, 58, natural de São Francisco do Conde, moradora da Baixa Fria, marisqueira.

Para mim o mangue representa muita coisa, porque eu me criei no mangue, criei os meus filhos no mangue e sobrevivo dele até hoje. Sou marisqueira desde a idade de nove anos, então pra mim significa muita coisa. É o emprego que enquanto eu tiver força, vida e saúde eu nunca vou deixar de lutar por ele, ajudei minha mãe a criar meus irmão através do mangue, não tínhamos pai, então tinha que ajudar. No mangue modificou muita coisa porque a metade dos mariscos sumiram, o mangue secou todo, já perdemos muito pé de mangue, muita química também, matou tudo, agora tá voltando mais não é como tinha muito antigamente. Não tem mais sarnambi, rala coco, mijão, todos esses marisco sumiram tudo, desde que teve uma maré vermelha que muitos mariscos sumiram a gente levou um tempo que ia pra maré e voltava com a mão pura, sem achar marisco, tudo morto, gostaria que voltasse a ter a riqueza que a gente tinha antigamente. O gaiamun entrava dentro de casa, baldes de aratu, baldes de ostra, era num tiro, muito marisco.

Nessa narrativa, percebe-se a gratidão pelos manguezais, onde se retira o sustento e salário, reclama da poluição, falando a maré vermelha que causou muitos danos nos manguezais, matando uma variedade imensa de marisco.

Luiz Carlos de Almeida Santos, 35 anos, morador da Baixa Fria, demonstra suas preocupações com a poluição do mangue, alertando para providências.

Conheço os manguezais desde que eu me conheço como gente foi através dos meus pais e avós que trabalhavam no mangue. Trabalho digno que nós temos um trabalho por toda a vida, não é trabalho de firma nem de prefeitura é o trabalho que Deus nos deu, então em nossa lembrança é um trabalho digno para todos nós. Desde pequeno que eu frequento o mangue, na verdade eu nasci no mangue, essa Baixa Fria era tudo mato, mangue, não tinha casa nenhuma. A questão da poluição, nós temos que cuidar mais da natureza, muitas pessoas hoje não querem saber da natureza, querem destruir a natureza, hoje um pé de pau que a gente arranca estamos destruindo a natureza, então temos que procurar preservar a natureza que Deus nos deu. Já trabalhei tirando lixo do mangue, copo, saco plástico, garrafa pet, muita gente tira e outros vem e jogam porque se todos tivessem união, uma união só vai ficar tudo limpo, tudo lindo e a natureza vai ser preservada. Hoje ainda temos no mangue muita coisa, não como era antes com a fartura que tinha, porque a poluição não tá deixando, hoje não tem mais rala coco, ostra, você acha caranguejo, mas é pouco, as autoridades tem que saber que temos que cuidar da parte ambiental, e se não cuidar não tem nem como respirar. A gente respira através do ar puro que poluído não dá pra respirar.

Nessa fala, verifica-se que a mariscagem é trabalho digno e familiar, expõe suas lembranças de infância em que cresceu brincando na maré, hoje altamente poluída. Apela para as autoridades providência imediatas para que o mangue não venha a acabar, trazendo sofrimento aos que sobrevivem dele.

José Adenilton dos Prazeres Santa, 48, natural de São Francisco do Conde, morador da Baixa Fria, marisqueiro:

O manguezal é o meu dia a dia, sempre estou por lá trabalhando, catando meus mariscos, vivo disso, comecei brigando com a maré com dezessete anos, e aprendi a mariscar. Eu vejo um descaso na questão da poluição, é muita poluição na maré, esgoto, lixo, plástico, garrafa pet, etc. Existe algum trabalho para limpar. Antigamente

tinha muita ostra, sururu, hoje tá acabando. Nós fazemos um apelo as autoridades que eles olhem mais a questão da poluição no manguezal, se acabar o mangue, muita gente vai sofrer.

Esse registro revela a importância desse espaço para os que vivem dele, aponta os descasos das autoridades competentes, cobrando ações urgentes, frente a poluição gritante.

Luis Rosário Ribeiro, natural de São Francisco do Conde, morador de São Bento das Lajes, marisqueiro:

Trabalho no mangue desde os quinze anos de idade, sou conhecido como o Rei do Camarão, o manguezal representa riqueza, porque se não fosse ele a gente não era nada. Eu tenho três filhos e é desse trabalho que eu tiro a minha renda, nunca trabalhei de carteira assinada. Esse manguezal é uma benção. Com relação a poluição, temos que ter mais responsabilidade para melhorar as condições do mangue e também da cidade. Porque tem muita gente sofrendo, a renda do município é muita, mas tem muita gente passando dificuldade e quem governa o município deve olhar mais, para os manguezais, para os pescadores e marisqueiras e para o povo pobre.

Esse trabalhador revela a riqueza dos manguezais, de onde tira a renda para a sustentar os seus filhos, exaltando esses ecossistemas como uma benção divina, mostra-se indignado com a poluição, questionando o poder executivo local, cobrando melhorias para os manguezais e o povo pobre.

Todos os entrevistados demonstraram suas preocupações com a poluição desenfreada nos manguezais de São Francisco do Conde, cobrando providências imediatas para preservar o que ainda resiste. Os desastres ambientais em SFC são constantes, provocados pela refinaria Landuplho Alves, desde a sua implantação, na década de 1950. O acúmulo dos contaminantes no solo é de difícil remoção, é necessário medidas preventivas e de fiscalização para evitar mais danos nesses ecossistemas (manguezais).

Na imagem abaixo, podemos observar o vazamento de petróleo provocado pela RLAM ocorrido no Rio São Paulo, em 2018. Esse Rio faz parte da bacia hidrográfica do município de São Francisco do conde.

Figura 3 - Vazamento de petróleo ocorrido no dia 08 de junho de 2018



Fonte: Brasil de Fato.

Ao longo das últimas cinco décadas o aumento do crescimento demográfico, o crescimento econômico e o desejo por melhor qualidade de vida, o ser humano vem causando mais e maiores alterações no meio ambiente produzindo, como resultado, perdas irreversíveis e sensíveis alterações aos recursos naturais. Ameaças naturais ou induzidas pelo homem, diretas ou indiretas constituem efetivo problemas sobre o manguezal, principalmente considerando sua real área de abrangência por se tratar de ecossistema aberto e seu funcionamento depender da saúde dos ecossistemas adjacentes.

O Brasil por ser detentor de uma das maiores riquezas biológicas do planeta, tem a responsabilidade de criar as condições necessárias para promoção de um desenvolvimento harmônico, com base na utilização sustentável dos recursos naturais.

Os primeiros impactos ambientais que aconteceram na Baía de Todos os Santos foram provocados pelos colonizadores, com a edificação de Salvador, comercialização do pau-brasil e derrubada da Mata Atlântica para o cultivo da cana-de-açúcar. Infelizmente o poder público é negligente e omissivo com as questões ambientais que há algumas décadas vem destruindo os manguezais em São Francisco do Conde, um conjunto de fatores corroboram com essa degradação ambiental.

Em 17 de setembro de 1950 a primeira refinaria nacional de petróleo, na sequência em 1953 é criada a Petrobrás, em 1957 a refinaria é rebatizada pelo nome de Landuplho Alves, homenagem ao político baiano que lutou pelo monopólio estatal do petróleo e contra os

interesses estrangeiros pelo ouro negro. No início era refinada dois mil e quinhentos barris por dia, hoje essa mesma refinaria fábrica 31 tipos de produtos, com 26 unidades de processamento, 201 tanques de armazenamentos e 18 esferas.

No ano de 1960, em Santo Amaro, foi criada a Companhia Brasileira de Chumbo (COBRAC), que funcionou até 1963, deixando gigantesco passivo, cerca de quinhentas mil toneladas de chumbo à céu aberto, que segue contaminando os manguezais de São Francisco do Conde e adjacências com metais pesados. Na década de 1970 foi construído o complexo petroquímico de Camaçari, seguido de outros empreendimentos, como o Centro Industrial de Aratu (CIA). Já em 1975, o porto de Aratu inicia suas atividades escoando a produção industrial, ele é parte do contexto regional que deteriora esses manguezais, com a movimentação de navios cargueiros, em 2007 atracaram nesse porto 660 navios. Indubitavelmente essas empresas causam sérios danos ambientais, alterando a forma original desse bioma nesta região.

O maior processo de industrialização se dá com implantação do CIA na Baía de Aratu, já no final da década de 60 e a formação do Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC), no final da década de 70. Desde este período mais de 200 indústrias, entre químicas, metalúrgicas, siderúrgica, mecânicas, farmacêuticas e alimentícias, se instalaram somente no CIA. A Empresa Plumbum Mineração e Metalurgia Ltda, pertencente ao grupo Trevo, apesar de desativada desde mais de 30 anos escoou metais, principalmente Cádmio, Chumbo e Zinco, diretamente no rio Subaé e emitiu durante esse mesmo período material particulado no ar da região de Santo Amaro, estado da Bahia. De acordo com relatório do CRA do ano de 2004, outra fonte importante de contaminação por metais, especialmente o Mercúrio, foi a Companhia Química do Recôncavo, que operou às margens da Baía de Itapagipe e atualmente funciona no Polo Petroquímico. (CARVALHO et al, 2014 p. 6)

Os contaminantes da Refinaria e sua toxicidade e permanência no ambiente, os metais pesados da COBRAC e as águas de lastros dos navios cargueiros, modificam a fauna, a flora e o solo dos manguezais, provocando a extinção de algumas espécies e reduzindo drasticamente a população de outras, e introduzindo espécies exóticas que causam grandes problemas no bioma original.

Além da ameaça à biodiversidade, a dispersão de espécies invasoras está criando desafios complexos e de grande extensão ao bem-estar das populações humanas. Embora o problema seja global, a natureza e a severidade dos impactos sobre a sociedade, a economia e a saúde variam entre diferentes países e regiões. Por exemplo, as espécies invasoras diminuem o rendimento dos cultivos, aumentam os custos de manejo e reduzem o suprimento de água ao degradarem ecossistemas e reservas de água doce. A descarga de água de lastro introduz organismos aquáticos perigosos para o equilíbrio ambiental, incluindo bactérias e vírus, tanto em ecossistemas marinhos quanto de água doce, degradando, desta forma, importantes atividades comerciais como as associadas à pesca. Organismos causadores de enfermidades, recentemente

disseminados, matam ou incapacitam milhões de pessoas a cada ano, com profundas implicações sociais e econômicas. (SOUZA et al, 2009, p. 38)

A poluição dos manguezais não é tão somente um problema dos gestores, mas de todas as pessoas que fazem parte da sociedade, é a chamada responsabilidade social, que todos devemos ter para garantir melhor qualidade de vida aos manguezais, população e gerações futuras.

Novas medidas devem ser adotadas a fim de minimizar as poluições. A coleta seletiva é um recurso que deve ser implantado para diminuir a quantidade de lixo dos manguezais, dos 5.570 municípios brasileiros, apenas 18% possuem esse sistema. O saneamento básico é outro fator contribuinte para poluição, educação ambiental, et. A preocupação mundial em relação aos resíduos sólidos domiciliares tem aumentado devido ao crescimento da produção e ao aumento da periculosidade de alguns resíduos, ao gerenciamento inadequado e a falta de áreas para disposição final (BESEN, 2011, p.57)

Outros fatores também vem contribuindo para destruição de manguezais, podemos citar aqui a especulação imobiliária, expansão populacional, esgotos domésticos, instalações industriais e seus afluentes, que traz como reflexos a diminuição de fauna e flora, como também a contaminação de peixes, mariscos, moluscos, entre outros, impactando negativamente na cadeia produtiva e extinção de várias espécies.

No artigo, “Por um diálogo de saberes entre pescadores artesanais, marisqueiras e o direito ambiental do trabalho”, desenvolvido através do Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) por Carvalho (2014), pode-se constatar que a poluição afeta não só a presente área, mas o seu entorno e adjacências. O exemplo perceptível está no Rio Subaé, isto porque, este deságua em São Francisco do Conde/BA, no bairro de São Bento das Lajes. O Subaé em seu percurso é violentamente degradado, em razão de o município de Santo Amaro/BA, cidade vizinha de SFC, sofrer com altos índices de contaminação de chumbo, proveniente do mal descarte do material, o qual se encontra atualmente aproximadamente 500.000 (quinhentos mil) toneladas de escória a céu aberto.

O rio Subaé e a área adjacente à sua desembocadura na BTS, a Baía de Aratu, que são próximos a Ilha de Maré, bem como às áreas adjacentes a Mataripe e Caboto, são locais mais críticos em termos de contaminação da biota. Dentre as espécies que apresentaram o maior número de violações estão a arraia, o coró, e os moluscos pé-de-galinha, ostra e chumbinho. Sendo que a ostra e o pé-de-galinha foram espécies que mais apresentaram bioacumulação de metais. Destarte, de acordo com o CRA concentrações de metais traço encontradas em ostras, chumbinho, sururu e peixes, animais marinhos amplamente consumidos pelas comunidades da BTS, ultrapassaram

os limites preconizados pela legislação brasileira (ANVISA). Não obstante, tendo o órgão realizado avaliação preliminar de risco à saúde humana, constatou que existe possibilidade de que a ingestão de pescados contaminados, coletados em algumas regiões da BTS, possam implicar em potenciais problemas de saúde. (pág. 4017)

A crescente degradação ambiental no mar é uma ação contínua, são jogadas toneladas de lixo diariamente, colaborando para a destruição de manguezais e zonas estuarinas, com a poluição desses ambientes. A ocupação desordenada das áreas costeiras, especulação imobiliária, entre outros fatores, contribuem para a redução dos estoques pesqueiros e de mariscos, vale ressaltar que os manguezais, de acordo com a Lei federal nº 4.771 de 1965 referente ao código florestal, são áreas de proteção permanente (APP), Visto isso, em dialogo, afirma o ecologista Drº Michael Succow,

A vegetação costeira desaparece duas vezes mais rápido que as florestas tropicais. Há vinte anos, estima-se em trinta milhões de hectares a área de manguezais no planeta. Hoje resta apenas a metade. Uma de cada seis espécies características do mangue está na lista vermelha de espécies ameaçadas de extinção.

Equivocadamente esses ambientes são escolhidos como lugares de descarte de lixo e entulho. A grosso modo os rios e o mar são sinônimos de lixeiras, essa cultura atrasada e enraizada nós temos a obrigação de desconstruir e exigir medidas protetivas para a garantia da preservação do nosso patrimônio natural.

Ao longo do tempo vão acontecendo acidentes de percurso, como o vazamento de petróleo nos manguezais de São Francisco do Conde e adjacências, o último desastre⁴ ambiental provocado pela RLAM ocorreu no ano de 2018, sendo amplamente noticiado pela mídia. Na matéria jornalística, publicada no ano de 2010, pelo Jornal a Tarde, podemos evidenciar um dos muitos derramamentos de petróleo.

Moradores do município de São Francisco do Conde (distante 67 km da capital baiana), denunciaram nesta terça-feira, 29, um grande vazamento de óleo de dutos da empresa Petrobras, que atinge um manguezal da região. Segundo a denúncia, animais e plantas foram atingidos nos últimos dias, prejudicando a população. Informações divulgadas pelo Instituto do Meio Ambiente (IMA) dão conta de que não é a primeira vez que a Petrobras polui a localidade – em 2008, outro vazamento atingiu o manguezal. (A TARDE, 2010)

As atividades desempenhadas em nome do progresso e desenvolvimento regional, vem causando prejuízos incalculáveis nos manguezais de São Francisco do Conde e baía de todos

⁴ PINA, Rute. Vazamento de óleo contamina e Baía de Todos-os-Santos (BA), denunciam quilombolas. 2 Brasil de Fato. 12, de junho de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/06/12/vazamento-de-oleo-contamina-a-baia-de-todos-os-santos-ba-denunciam-quilombolas/>.

os santos. São diversos poluentes de difícil remoção, que contaminam os ecossistemas, a biodiversidade, trazendo riscos toxicológicos e carcinogênico para a saúde humana. Promulgada a constituição de 1988, algumas leis asseguram os direitos, mas não garantem o seu cumprimento: a exemplo do Capítulo VI- do meio ambiente, no art. 225 “ todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e a coletividade o dever de defende-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. Acredito que somente a partir da organização dos que são prejudicados com a poluição dos manguezais, as suas reivindicações poderão serem atendidas.

Na verdade, a gente tamo passando por diversos problemas aí no manguezal que a gente vê as condições da devastação demais, com esses materiais químicos, essas coisas que vem pela frente aí, dessas empresas e tudo, como a fábrica de papel e outras de Santo Amaro, do chumbo. E contando também que tem uma comunidade chamada Cais, que estamos passando por um problema sério, a Bahia Azul, juntamente com a Embasa, estão fazendo um trabalho de tratamento de água e estão cortando por dentro do manguezal, colocando tubulação para jogar ao mar livre, isso aí é lamentável mesmo, essa situação, porque é triste, é triste ver umas coisas dessas e a gente não vê as autoridades dar em cima. Ainda temos tempo pela frente pra gente correr atrás e ver se pode fazer alguma mudança, chamar o povo pra conscientizar, quem vê o meio ambiente como tá o mangue aqui cheio de lixo, aqui no fundo do estádio e aí a gente fazê uma parceria entre eles para fazer essa limpeza e mostrar as autoridades competentes que estamos todos querendo colaborar para salvar o manguezal. (Entrevista realizada em 20 de outubro de 2019)

É perceptível a preocupação com os problemas que afligem as áreas pesqueira e de mariscagem, denunciando a Empresa Baiana de Água e Saneamento (EMBASA) de despejar o esgoto diretamente no mangue do programa Bahia Azul.

4 POSSIBILIDADES FUTURAS? O COOPERATIVISMO E A FITORREMEDIAÇÃO

Neste capítulo abordaremos a importância do cooperativismo para agregar valor aos produtos produzidos, bem como organizar e implementar o trabalho sustentável junto aos pescadores(as) artesanais e marisqueiros(as), propondo a descontaminação de áreas e águas poluídas a partir do manejo da fitorremediação, utilizando o capim vetiver e a moringa oleífera na busca do ambiente saudável e mais produtivo para esses trabalhadores.

4.1 COOPERATIVISMO

O cooperativismo é um movimento dinâmico de um grupo de associados, que buscam os mesmos objetivos, produzindo de forma coletiva ou individual seus produtos, que são comercializados pela cooperativa.

Segundo Araújo (2017), com o advento da política perversa da globalização, cada vez mais os povos e comunidades tradicionais, precisam se unir e se organizar para fazer frente a este modelo de produção que explora cada vez mais os recursos sem a preocupação com o meio ambiente e o trabalho. Uma dessas formas de organização socio econômica é o cooperativismo, que consiste na participação de todos os cooperados nas tomadas de decisões que são realizadas em assembleias gerais.

[...]Unidos em uma cooperativa, os produtores tem benefícios como incentivo fiscais, linha de crédito, etc. Além disso, desde criança ouvimos e aprendemos que a união faz a força, sendo assim, organizados em grupos, os cooperados tem força políticas para lutar pelos seus direitos e buscar soluções para diversos problemas. Como a poluição dos solos e das Águas ... Araújo (2017).

O sistema cooperativista tem alguns benefícios cedidos pelo Governo federal, como isenção de alguns impostos, linhas de crédito com juros considerados baixos, nos bancos oficiais, para além disso, esse tipo de modelo de investimento coletivo gera força, integração, interação sociais, pelo caráter associativista, congregando todos pelos mesmos objetivos, existem duas modalidades cooperativas, de produção que se ocupa de produzir e beneficiar seus recursos, e a cooperativa de trabalho, que atua como prestadora de serviços. De acordo com a Aliança Cooperativista Internacional (ACI), a cooperativa é definida como:

Uma cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e

democraticamente gerida. Elas se baseiam em valores de ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade e solidariedade. Seguindo a tradição de seus fundadores, os membros das cooperativas creem nos valores éticos de honestidade, transparência, responsabilidade social e preocupação solidária. (ACI, 1995)

Cooperativismo é uma doutrina socioeconômica, fundamentada na liberdade humana e nos princípios democráticos, cooperativista e tendo como instância máxima, a assembleia geral, onde quem decide é a maioria. Essa cultura cria mecanismos para agregar valor as mercadorias, mas sobretudo capacitar os cooperados, tornando-os indivíduos formadores de opiniões, pessoas com senso crítico e protagonistas de suas existências. O cooperativismo é uma empresa de participação democrática e de autogestão, a instância maior do sistema cooperativista é a assembleia, quando são tomadas as decisões. Toda cooperativa é regulada por um estatuto e regimento interno.

Juridicamente, as sociedades cooperativas estão reguladas pela lei federal 5.746, de 1971, que define a política nacional de cooperativismo e institui o regime jurídico das cooperativas.

A disputa pela ocupação dos manguezais e da terra, espaço geográfico, territórios tradicionais ou não, é um jogo de tensões que se estabeleceu desde a colonização pela apropriação e posse da terra, que é a matriz geradora de tudo que nos cerca.

4.2 FITORREMEDIAÇÃO

A fitorremediação é uma técnica antiga, ela era utilizada pelos povos egípcios, na descontaminação das águas do rio Nilo, poluídas pelo esgotamento sanitário. Essa ferramenta tem se demonstrada como eficiente para remediação de solos e águas contaminados com metais pesados e outros poluentes químicos, herbicidas, fungicidas e etc. Um conjunto de fatores favorece o uso dessa técnica para minimizar os impactos ambientais nos manguezais de São Francisco do Conde, o clima tropical, a umidade relativa do ar, índice pluviométrico, luminosidade e variedades de plantas fitorremediadoras e as comunidades microbiana.

Segundo ASSUNÇÃO (2009), no processo de fitorremediação de sítios multi contaminados, a utilização de espécies vegetais eficiente na extração dos metais contaminantes, preservando as características naturais do solo. A Aroeira (arbustiva), o feijão de porco e o vetiver (Herbáceas) foram as espécies mais eficientes em concentrar chumbo (Pb), cádmio (Cd) e zinco (Z) na parte aérea das plantas. Devido ao potencial das gramas batatais em concentrar

mais chumbo, ou seja, imobilizando contaminantes no local de ocorrência impedindo que o mesmo se espalhe no ecossistema.

Segundo Márcia Marques, Cristiane Rosas, Jonatas Jose Luiz no estudo: Desafios técnicos e barreiras sociais, econômicas e regulatórias na fitorremediação de solos contaminados, afirma que no Brasil são poucas empresas que exploram a fitorremediação com objetivos puramente econômicos e comerciais, ao mesmo tempo em que várias instituições acadêmicas tem desenvolvido estudo sobre a técnica eficaz e de baixo custo, vale ressaltar que é um mercado promissor e em expansão. Sendo uma ferramenta importante de inclusão social, considerando os aspectos territorial, cultural e econômicos das comunidades afetadas pelos danos ambientais. Considerando o histórico da degradação ambiental nos manguezais de São Francisco do Conde e da Baía de Todos os Santos, ao longo das décadas que vem se acumulando e crescendo a todo momento, esse passivo ambiental gigantesco, um mega hiper passivo ambiental, que pode ser minimizado a partir de medidas relativamente simples como a fitorremediação, utilizando o capim vetiver, moringa oleífera e outras plantas nativas. e outras técnicas mais complexas, como criar consciência ecológica e ecocultural (conjunto de práticas sustentáveis). Podendo se utilizar ainda outras técnicas de bio-tratamento que venham minimizar o impacto ambiental causado.

Segundo Araújo (2017), o vetiver é uma gramínea de origem indiana bastante conhecida e está presente aqui no Brasil desde o período de colonização. Atualmente é encontrada em quase toda região tropical do planeta e está presente em mais 150 Países. O vetiver não é uma planta invasora e é considerada pela ONU e BANCO MUNDIAL como uma planta ambientalmente saudável, que não causa desequilíbrio ao meio ambiente, sendo utilizada nas mais variadas partes do mundo. O vetiver não é uma planta hospedeira ou intermediária de pragas ou doenças e ainda tem a grande capacidade de sequestro de carbono. Cerca de 5 kg/planta/ano.

O capim vetiver tem sido usado mundialmente no combate a erosão e como filtro biológico para tratamento de efluente de em grandes áreas de aterros sanitários e resíduos industriais e residenciais, e também em pequenas propriedades para absorção de contaminantes.

Figura 4 - Capim Vetiver e suas longas raízes



Seu profundo e vasto sistema radicular absorve desde matéria orgânicas até metais pesados, com taxas de não são observadas em nenhuma outra planta na natureza.

A moringa Oleífera é muito usada na indústria farmacêutica e de cosméticos, como complemento alimentar, coagulante natural e também utilizada como planta remediadora no tratamento de água e aterro sanitários pelos seus atributos de descontaminação e reflorestamento.

Figura 5 - Campo de Moringa



Estudos recentes têm demonstrado que a moringa oleífera pode ser utilizada para tratamento de altos volumes de água. Experimentos conduzidos em um sistema de tratamento de água em Malawi, demonstraram que as sementes podem produzir uma água tratada de

qualidade similar à produzida usando sulfato de alumínio, que é o coagulante mais comum usado (SUTHERLAND et al., 1994).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esta pesquisa utilizou-se de entrevista, que foram primordiais às explicações expostas ao longo dos capítulos. Essas entrevistas são fonte a memória, que, segundo Portelli (1998), se impõe como primordial ao estudo do tempo presente, porque através dela pode-se conhecer os sonhos, as crenças, os anseios e as lembranças do passado de pessoas anônimas, que não têm nenhum status econômico, mas que viveram os acontecimentos de suas épocas, experiências que permanecem vivas em suas visões de mundo.

Todas as pessoas entrevistadas, reclamaram da degradação dos manguezais, diminuição de pescados e mariscos e do desaparecimento de espécies, demonstrando preocupação e cobrando providências das autoridades competentes. O grande desafio da contemporaneidade é ter responsabilidade social, para cuidar melhor do planeta, objetivando qualidade de vida com alimentação saudável e a preservação do nosso patrimônio natural. Para tanto, o presente trabalho propõe um conjunto de medidas que devem ser implementadas para construção de um ambiente saudável, garantindo a preservação da fauna e flora. Dessa forma, este trabalho torna-se relevante para todos no contexto da sociedade.

O estudo se fez necessário para mostrar que, pelo fato de homens utilizarem os recursos do ecossistema para viverem, devem ser historicizados, pois o manguezal não pode ser compreendido como um lugar estritamente da natureza, mas como um território onde ocorrem laços de proteção e também união entre as pessoas que nele adentra.

Figura 6 - Chico Science (centro) e Nação Zumbi em 1994:

sonhos, imaginação febril e a cabeça intrépida de um líder que aponta o caminho



Foto: Marcelo Soubhia/Folhapress

Por fim, no tocante as questões de cooperativismo percebe-se que há uma deficiência de cooperativas em São Francisco do Conde, sendo assim notada a necessidade da união dos pescadores/ as e marisqueiras pra que haja um dinamismo nas questões de reivindicações e o fortalecimento para a possível fitorremediação nos manguezais.

REFERÊNCIAS

- ACI. Aliança Cooperativa Internacional. **Identidad y principios cooperativos**. Montividéu: Cudecoop, EditorialNordanComunidad, 1995.
- BENSI, Gina Rizpah. **Coleta Seletiva com Inclusão de Catadores**: construção participativa de indicadores e índices de sustentabilidade. Tese (Doutorado em saúde pública) - Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 274. 2011.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** – Lembrança de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- BRASILIA. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Atlas dos manguezais do Brasil**. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2018. 179 p. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/manguezais/atlas_dos_manguezais_do_brasil.pdf. Acesso em: 20 jan. 2020.
- CARVALHO, Ingrid Gil Sales et al. Por um diálogo de saberes entre pescadores artesanais, marisqueiras e o direito ambiental do trabalho. **Ciênc. saúde coletiva [online]**. 2014, vol.19, n.10, pp.4011-4022. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320141910.09432014>.
- COTRIM, D.S. **Agroecologia, sustentabilidade e os pescadores artesanais**: o caso de Tramandaí. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- DE MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9-23, 1992.
- DE SÁ, Celso Pereira. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, 2007.
- DIEGUES, Antonio Carlos. A pesca construindo sociedades. São Paulo. Núcleo de Apoio à Pesquisa Sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 2004. *Ecological Research*, 1995. 64p
- JAEGERMANN, Zuzanna. **Identidade e territorialidade sem-terra no mundo moderno/colonial do recôncavo da Bahia**: assentamento de reforma agrária eldorado (município de santo amaro/BA). 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Ciências Sociais, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2016. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/pgcienciassociais/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/2016/ZUZZANNA.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.
- MPA. **Site do Ministério da Pesca e Aquicultura**. Disponível: <http://www.mpa.gov.br/#pesca/pescaartesanal>. Acesso: 02 Dez 2019.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SCHAEFFER-NOVELLI, Y. **Manguezal**: ecossistema entre a terra e o mar. São Paulo: Caribbean.

SILVA, Adriano Prysthon da. **Pesca artesanal brasileira**. Aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos – Palmas: Embrapa Pesca e Aquicultura, 2014.

SOUZA, Cristiane Santos. **Trajetórias de Migrantes e seus descendentes**: Transformações urbanas, memória e inserção na metrópole, Campinas, SP, 2013.

SOUZA, Rosa Cristina Corrêa Luz de; CALAZANS, Sálvio Henrique; SILVA, Edson Pereira. Impacto das espécies invasoras no ambiente aquático. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 61, n. 1, p. 35-41, 2009.

ANEXOS

Figura 7 - Reunião da comissão que representa os pescadores e marisqueiras com as partes competentes para minimizar os danos, negociando os danos provocados pelo derramamento de petróleo no mangue



Fonte: Observatório do mangue @ onilêto_oficial



Fonte: Observatório do mangue @ onilêto_oficial



Fonte: Observatório do mangue @onilêto_oficial